

## O PROBLEMA DE TEORIA E PRÁTICA NA TRADIÇÃO PEDAGÓGICA

Autora: Lucila Ruiz Garcia; Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Nádia Maria Bádue Freire

Universidad de La Empresa – UDE e-mail: [gfabeyro@ude.edu.uy](mailto:gfabeyro@ude.edu.uy)

### Introdução

A dialética entre teoria e prática talvez seja a mais antiga e também a mais relevante na tradição pedagógica. No entanto, apesar de antiga, não se chegou até os dias atuais a uma posição consensual sobre esta temática.

Grandes pensadores se debruçaram ao longo da história, a discorrer sobre este assunto. Alguns atribuíram à teoria primazia total sobre a prática; outros, entretanto fizeram exatamente o oposto, colocando a prática em posição de maior importância face à teoria; há aqueles ainda que colocaram as duas, teoria e prática, em posição de interdependência uma perante a outra.

Uma reflexão sob a perspectiva histórica sobre esta temática se justifica, posto que a mediação entre teoria pedagógica e prática educativa se torna a cada dia mais difícil e, conseqüentemente, mais importante e necessária de ser realizada.

Sendo assim, o presente artigo que é um recorte da dissertação de mestrado em andamento, intitulada “Dicotomia entre teoria e prática? O papel do estágio na formação docente”, pretende apresentar de forma sucinta e sistemática os posicionamentos sobre esta dialética entre teoria e prática, partindo de Kant até chegar a Marx e Engels e seu conceito de práxis revolucionária e transformadora, perpassando no decorrer do trabalho pelos pensadores que consideramos mais relevantes sob a ótica educacional, como Schleiermacher, Hebart e Hegel.

### Metodologia

A metodologia utilizada para a elaboração deste artigo foi a pesquisa de revisão de literatura, assim definida por Gil, (2010, p.29):

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet.

Como ponto de partida desta pesquisa, que foi realizada no período de maio a gosto de 2017, foram utilizados os bancos de dados do *Google Acadêmico e Scielo*. As terminologias de busca foram teoria e prática, práxis, e práxis pedagógica. Os critérios de inclusão foram a proximidade e relevância para o tema educacional.

A partir da revisão de literatura, constataram-se os principais autores que discorrem sobre a temática, cujas ideias permitiram a construção do presente artigo.

## Resultados e Discussão

A relação dialética entre teoria pedagógica e prática educativa é fundamental na pedagogia.

A palavra dialética tem origem no termo grego *dialektiké* e significa a arte do diálogo, a arte de debater, de persuadir ou raciocinar. Ao se retomar a história da dialética, constata-se que na Grécia Antiga, ela era considerada a arte de argumentar através do diálogo, um debate onde um posicionamento é defendido e contradito logo depois, e desta contraposição de ideias, neste debate produtivo surgem novas ideias. A palavra dialética expressava um modo específico de argumentar que consistia em descobrir as contradições contidas no raciocínio do outro (análise), negando, assim, a validade de sua argumentação e superando-a por outra (síntese) (GADOTTI, 1998, p.93).

Segundo Konder (1992, p.7) na acepção moderna, dialética é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como contraditória e em constante transformação. Para ele, o maior e mais radical pensador dialético, no sentido moderno da palavra, foi Heráclito de Efeso (aprox. 540-480 a.C.), posto que em seus fragmentos pode-se ler que tudo existe em constante mudança, e que o conflito é o pai e o rei de todas as mudanças. Lê-se ainda que vida ou morte, sono ou vigília, juventude ou velhice são realidades que se transformam mutuamente (KONDER, 1992, p.8). “Para ele a realidade é um constante devir, em que prevalece a luta dos opostos... Tudo muda tão rapidamente, dizia ele, que não é possível banhar-se duas vezes no mesmo rio: na segunda vez o rio não será mais o mesmo e nós mesmos já teremos também mudado” (GADOTTI, 1998, p.93-94). A esses exemplos dialéticos de Heráclito, acrescenta-se, teoria e prática.

À primeira vista a relação entre teoria e prática parece ser determinável de forma bastante simples: a prática seria justamente a educação em todos os seus relacionamentos práticos, e a teoria seria a educação em suas figuras teóricas. A relação, portanto, poderia ser descrita com facilidade: a teoria investigaria a prática, sobre a qual retroagiria sobre os seus conhecimentos adquiridos. A prática configuraria de início o ponto de partida do conhecimento, a base da teoria, graças à qual se tornaria, contudo, uma prática orientada conscientemente. Prática e teoria, portanto, dependeriam e seriam referidas inevitavelmente uma em relação à outra. No fundo, porém, esta delimitação do problema já expressa toda a complexidade dialética. (SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p. 10)

Diferentemente da pedagogia, esta mediação entre teoria e prática segundo Schmied-Kowarzik, acontece de forma mais “natural” em outras ciências “burguesas” tradicionais, como a medicina e o direito. Elas, aparentemente, não requerem nenhuma investigação da prática, podendo partir de proposições normativas desenvolvidas na prática de acordo com normas e habilidades

técnicas. Na medicina, precisam traduzir na prática de modo técnico, os conhecimentos que tem das doenças e do seu combate sob a égide da finalidade determinada da cura.

Esta efetivação e realização de tarefas dadas, segundo o mesmo autor, não constitui a prática com que se relaciona a pedagogia, e a partir da qual se deve desenvolver.

A relação dialética entre teoria e prática reside justamente em decisões e posicionamentos pedagógicos não disponíveis a partir da ciência do conhecimento ou da tecnologia, que podem se servir do saber científico e da tradução tecnológica, mas não podem inversamente se fundamentar a partir deles. (SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p. 12)

Para Schmied-Kowarzik (1983), pedagogia e educação possuem uma relação de interdependência recíproca, onde a educação depende de uma diretriz pedagógica prévia e a pedagogia de uma práxis educacional anterior. Afirma que em razão disso, a pedagogia nem pode tematizar de forma puramente teórica a práxis educacional como um evento passível de representação, nem pode se voltar a uma intervenção prática direta, já que ela somente pode ser considerada ciência da educação quando é uma ciência para a educação. “Nesta medida, a instância mediadora entre teoria pedagógica e práxis educativa repousa no educador, graças ao qual ela pode enquanto ciência, tornar-se prática na pesquisa e no ensino”. (SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p. 24)

A ciência pedagógica procura corresponder a essas exigências dialéticas desde o seu começo. Immanuel Kant (1724-1804), foi o primeiro na história da reflexão pedagógica a formular essa dialética entre teoria pedagógica e práxis da educação.

Segundo Schmied-Kowarzik (1983, p.24) Kant afirma que a pedagogia precisa, de um lado, se tornar um interminável processo heurístico da experiência referida à prática, e de outro a educação deve se tornar um interminável experimento planejado e controlado e através de uma interconexão mútua “cada geração seguinte dará um passo a mais para o aperfeiçoamento da humanidade”. (KANT, VI, p.700 apud SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p. 24)

Para Kant (apud Schmied-Kowarzik, 1983, p.25) uma teoria que se reduz a mera exposição da prática anterior é puramente “mecânica, desprovida de um plano”, e apenas tem a capacidade de mostrar o que foi útil anteriormente e não apresenta possibilidades de configurar a educação como um projeto planejado para aprimorar a prática futura.

Mecanicamente, a arte da educação surge apenas em situações em que experimentamos algo como útil ou prejudicial aos homens. Toda a arte da educação gerada apenas mecanicamente deve ser portadora de muitas carências e erros por não ter um fundamento ou um plano. [...] É preciso transformar em ciência o mecanismo da arte educacional... (pois as) crianças precisam ser educadas conforme a possibilidade de uma situação futura melhor para o gênero humano, ou seja, de uma idéia da humanidade e de sua determinação

conjunta, e não em conformidade com a situação atual. (KANT VI, p.703 apud SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p.25)

Com isto, Kant afirma que a educação necessita ser uma experiência planejada embasada na ciência, e que, para que tal experiência tão grandiosa ocorra, são necessários os esforços e o apoio de muitos. Para ele, a experiência educacional é total, quando a geração educadora não se coloca em posição absoluta do homem, mas busca se aproximar da ideia de um ser humano mais humano, através da educação da geração futura, e que esta educação precisa sempre ser levada adiante em razão de a nova geração ter vindo.

Isto constitui o que é plenamente dialético na teoria e prática da educação.

*Kant*, não só revela teoricamente a dialética da situação educacional, cujo domínio atribui à práxis do educador individual, mas ele inclui a teoria pedagógica dialeticamente no processo prático da educação por ela determinado; isto, entretanto, não é tarefa do educador ou professor individual, mas tarefa social e conjunta que progride historicamente a partir de toda geração educadora. Assim, a dialética da pedagogia em relação à educação não reside apenas no distanciamento negativo e na dificuldade aporeticamente demonstrável da teoria educacional frente a práxis educativa, inalcançável e imprevisível, mas, ao mesmo tempo, na experiência positiva e no ânimo ousado da teoria em se incluir no trabalho progressivo da práxis, batalhando experimentalmente com ela um ser humano melhor para os educandos. (SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p.26)

Imaginamos em nosso íntimo, que não são necessários experimentos em educação, que racionalmente conseguimos saber quando algo será bom ou ruim. No entanto isso é um total engano, pois muitas vezes nossas experiências nos revelam efeitos opostos daqueles esperados. Portanto os experimentos são fundamentais e decisivos, e nenhuma geração pode apresentar um projeto educacional completo. (KANT, VI, p.708 apud SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p.27)

Em sua obra “Sobre a Pedagogia”, Kant, ciente da distância entre teoria e prática no domínio pedagógico, preocupa-se em unir as lições da experiência com os processos da razão, pensamento e experiência. Para ele uma educação que vise formar para a autonomia deve envolver experiência concreta aliada aos projetos da razão (PHILONENKO, 1966, p. 53 apud ZATTI, 2007, p.68).

Para Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834) educação é a “influência das gerações mais velhas sobre as mais jovens” com objetivo de formação humana e ética. Ela é uma arte que precisa de uma doutrina em constante relação com a ética.

Segundo Schleiermacher (apud SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p.28),

A teoria da educação se reporta num duplo aspecto a existência anterior da prática: porque , ‘onde a teoria deve ser constituída, ... a práxis da educação já existe’; e sobretudo porque não quer resvalar num sonho utópico, já que a realização de suas intenções depende das relações concretas da práxis, gradadas historicamente.

Ele atribui à prática prioridade sobre a teoria, pois a teoria da educação apenas consegue descobrir hipoteticamente as exigências concretas da respectiva realidade educacional, estabelecendo princípios que são condutores para o “como” da prática.

Para Schleiermacher,

‘A dignidade da prática independe da teoria; mediante a teoria, a práxis somente se torna mais consciente’; ‘a teoria sempre é posterior, a teoria sempre precisa abrir caminho, quando a práxis já se encontra fundamentada. Se ela abre caminho pelas próprias forças, e se progressivamente adquire um reconhecimento livre entre os que manuseiam a prática: então teoria e prática se põem de acordo, e a práxis se transforma por si.’ (SCHRIFTEN I, pp.11 e 131 apud SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p.30)

Schleiermacher percebe a tarefa da união entre teoria e prática que se renova para o educador em sua atividade e na medida que atribui previamente à práxis à formação ética, impede a compreensão do problema e a importância de uma determinação teórica do sentido da educação, como é a preocupação de *Herbart*. (SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p.30)

Ao contrário do posicionamento de Kant e Schleiermacher, Johan Friedrich Herbart (1776-1841) confere a teoria prioridade absoluta frente à prática, uma vez que “somente uma determinação teórica de sentido da educação pode revelar ao educador uma orientação de sentido para sua prática” (SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p.33). Para ele a teoria mais a prática fariam da pedagogia a ciência da arte de educar. Para ele, a educação é um processo em que “a humanidade se educa a si mesma...através do universo que ela mesma produz.” (HERBART II, 29, apud SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p.30)

*Herbart* situa o problema teoria e prática na questão da significação e validade das práticas da determinação teórica de sentido da educação para a práxis educacional. Para isto, trata-se de diferenciar ‘antes de mais nada a pedagogia como ciência da arte do educar’. ‘Ciência’ é um ‘ordenamento de leis constituindo um conjunto de ideias... deduzidas a partir de princípios’; ‘ela exige a derivação de leis a partir de seus fundamentos’; ‘arte’ por sua vez é ‘uma soma de aptidões que precisam ser reunidas para produzir determinado objetivo’; ela exige ‘uma atividade contínua, apenas conforme os resultados daquela’ (PAEDAGOGISCHE SCHRIFTEN I, p.124, apud SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p.32)

Apresentamos até aqui a dialética básica entre teoria e prática conforme as propostas mais significativas da tradição pedagógica filosófica, com uma atenção especialmente voltada à relação dialética da teoria pedagógica com a práxis educacional.

Dois grandes pensadores cujos nomes encontram-se indissolivelmente vinculados ao conceito de dialética, que ainda não foram aqui referenciados, são George Friedrich Wilhelm Hegel (1770-1831) e Karl Heinrich Marx (1818-1883).

Afirma-nos Schmieid-Kowarzik (1983) que, para ambos a dialética não é somente uma forma metódica do pensar, mas o movimento do mundo em processo. A oposição entre eles, entretanto, repousa na valorização diferenciada da teoria que compreende este movimento dialético.

Para Hegel, a filosofia tem apenas a tarefa de recuperar à compreensão *a posteriori* um processo dialético de formação já concluído – no que se revela o caráter fundamentalmente afirmativo e também ‘burguês’ desta concepção dialética – ; *Marx* ao contrário, atribui um papel basicamente crítico e revolucionário à teoria que compreende a história passada, para o que ela própria precisa se incluir dialética e praticamente no processo ainda inconcluso de formação do homem (SCHIMIED-KOWARZIK, 1983, p.36)

Para Hegel a dialética é o momento negativo de toda a realidade, aquilo que tem a possibilidade de não ser, de negar-se a si mesma. Porém, ele ainda afirma que a razão não é apenas o entendimento da realidade, mas a própria realidade, onde o racional é real e o real é racional (GADOTTI, 1998, p.96).

Schmieid-Kowarzik (1983, p.37) nos aponta em Hegel o seguinte:

A teoria burguesa da práxis (ética, pedagogia, política) se entende basicamente como ‘esclarecimento’ da razão, já que existe na práxis, e que a impulsiona, para a possibilitar desta forma, nos indivíduos ‘esclarecidos’, a realização de relações racionais e éticas no convívio humano. Justamente nesta medida a teoria burguesa se revela como sendo basicamente afirmativa, por acreditar que unicamente tornando consciente a eticidade já existente na prática da vida humana, ela venha a ser progressivamente realizada na história através dos indivíduos assim esclarecidos.

Em conformidade com a estrutura básica da teoria afirmativa da práxis, em sua filosofia do direito, Hegel determina que a educação e a formação cultural são momentos da reprodução da convivência social na família, na sociedade civil e no Estado. Ao lado de Schleiermacher, é o único pensador burguês que fundamenta a vinculação dialética entre educação e sociedade (SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p.38).

Segundo Hegel, a filosofia tem a função de compreender a razão existente na prática humana, vindo a completá-la posteriormente, “partindo desta dialética peculiar que lhe é própria” (SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p.37). Ele chega ao real partindo do abstrato: a razão domina o mundo e tem por função a unificação, a conciliação, a manutenção da ordem do todo. Essa razão é dialética, isto é, procede por unidade e oposição de contrários (GADOTTI, 1998, p.96).

Hegel concebe o processo racional como um processo dialético no qual a contradição não é considerada como ilógica, paradoxal, mas como o verdadeiro motor do pensamento, e ao mesmo tempo, motor da história, já que a história nada mais é que a manifestação da idéia. O pensamento não é considerado como algo estático. Ele evolui por contradições superadas: da tese (afirmação) à antítese (negação) e daí a síntese (conciliação). Uma proposição (tese) não existe sem uma oposição a outra proposição (antítese). A primeira proposição será modificada nesse processo de oposição e surgirá uma nova. A antítese está contida na própria tese que é, por isso, contraditória. A conciliação existente na síntese é

provisória na medida em que ela própria se transforma numa nova tese. (GADOTTI, 1998, p.97)

Hegel afirma que à filosofia não importa qualquer condição de vida concreta aqui e agora e que, portanto, ela não pode interferir nas lutas práticas da realidade atual (SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p.38).

A dialética adquire “status” filosófico (o materialismo dialético) e científico (o materialismo histórico) apenas com Marx e seu companheiro Friedrich Engels (1820-1895) (GADOTTI, 1998, p.97).

Marx ultrapassa o idealismo de Hegel por um realismo materialista afirmando que é:

[...] na produção social da sua vida [...] os homens contraem determinadas relações necessárias e independente da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. [...] O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina seu ser, mas pelo contrário, o seu ser social que determina sua consciência. (MARX; ENGELS, 1977a, v.1 p.301 apud GADOTTI, 1998, p.97).

Para Marx, “em Hegel a dialética estava, por assim dizer, de cabeça para baixo; decidiu, então, colocá-la sobre seus próprios pés” (KONDER, 1992, p. 27). “A dialética de Hegel limitava-se ao mundo dos espíritos, e Marx, a inverteu introduzindo a matéria. Para ele, a dialética explicava a evolução da matéria, natureza e do homem”; ela é a ciência das leis gerais do movimento, tanto do pensamento como do mundo exterior (GADOTTI, 1998, p.98).

A grande preocupação de Engels era defender o caráter materialista da dialética, tal como Marx e ele a concebiam. Era preciso evitar que a dialética da história humana fosse analisada como se não tivesse absolutamente nada a ver com a natureza, como se o homem não tivesse uma dimensão irredutivelmente natural e não tivesse começado sua trajetória na natureza. Uma certa dialética na natureza (ou pelo menos uma pré-dialética) era, para Marx e para Engels, uma condição prévia para que pudesse existir a dialética humana. (KONDER, 1992, p. 57)

Para Marx, a natureza compreende todas as coisas materiais de que o homem se apropria, bem como a sociedade em que vive. Segundo Konder (1998, p.36) para a dialética marxista, o conhecimento é totalizante e a atividade humana, em geral, é um processo de totalização, que nunca alcança uma etapa definitiva e acabada.

Segundo Stálin (1945), a dialética marxista:

[...] não considera a natureza como um conglomerado casual de objetos e fenômenos, desligados e isolados uns dos outros e sem nenhuma relação de dependência entre si, mas como um todo articulado e único, no qual os objetos e os fenômenos se acham organicamente vinculados uns aos outros, se interdependem e se condicionam mutuamente. [...] entende que nenhum fenômeno da natureza pode ser compreendido, se focalizado isoladamente, sem conexão com os fenômenos que o cercam, pois todo fenômeno, tomado

de qualquer campo da natureza, pode converter-se em um absurdo, se examinado sem conexão com as condições que o cercam, desligado delas; e pelo contrário, todo fenômeno pode ser compreendido e explicado, se examinado em sua conexão indissolúvel com os fenômenos circundantes e condicionado por eles.

Na décima primeira tese sobre Feuerbach, Marx (1999, p.8) afirma “Os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de forma diferente; trata-se, porém, de modificá-lo.” Desta forma, ele critica a posição contemplativa da filosofia que apenas observava e nunca intervinha na realidade.

Marx (1999, p.5) declara em sua terceira tese sobre Feuerbach: “A coincidência da modificação das circunstâncias e da atividade humana só pode ser apreendida e racionalmente compreendida como prática transformadora”, diante desta afirmação proclama claramente que é necessário que se estabeleça uma práxis concreta e revolucionária, uma teoria viva.

“Para Marx, práxis é a atitude (teórico-prática) humana de transformação da natureza e da sociedade. Não basta conhecer e interpretar o mundo (teórico), é preciso transformá-lo (práxis)” (PIMENTA, 2012, p.99).

Com Marx, o problema da práxis como atividade humana transformadora da natureza e da sociedade passa para o primeiro plano. A filosofia se torna consciência, fundamento teórico e seu instrumento.

A relação entre teoria e práxis é para Marx teórica e prática; prática, na medida em que a teoria, como guia da ação, molda a atividade do homem, particularmente a atividade revolucionária; teórica, na medida em que esta relação é consciente. (VÁZQUEZ, 2007, p.109)

Segundo Vázquez (2007, p.112), a evolução do pensamento de Marx se dá na criação de uma filosofia da práxis, entendida não como práxis teórica, mas sim, como atividade real, transformadora do mundo. O decisivo na formação do marxismo não é apenas uma mudança conceitual, mesmo que ela seja extremamente necessária, para que a teoria cumpra a função de instrumento de transformação do real (VÁZQUEZ, 2007, p.114).

Marx descreve o problema entre teoria e prática como um problema entre a filosofia e a ação. Para ele se a realidade deve ser mudada, a filosofia não pode se reduzir a um mero instrumento teórico de conservação ou justificação da realidade, mas sim, deve ser um meio para transformá-la (VÁZQUEZ, 2007, 115). A passagem da filosofia à realidade requer a mediação da práxis. Por meio da práxis, a filosofia se realiza, se torna prática e se nega, portanto, como filosofia pura, ao mesmo tempo em que a realidade se torna teórica no sentido em que se deixa impregnar pela filosofia.

‘A arma da crítica não pode substituir a crítica das armas... a teoria se converte em poder material tão logo se apodera das massas... quando se torna radical’ (Marx). Isto é, a teoria



por si só não transforma o mundo real torna-se prática quando penetra na consciência dos homens. Desse modo, são apontados seus limites e a condição necessária para que se torne prática: por si só é inoperante e não pode substituir a ação, mas se torna uma força efetiva – ‘poder material’ – quando é aceita pelos homens. (VÁZQUEZ, 2007, p.116)

Na segunda tese sobre Feuerbach, Marx (1999, p.5) nos apresenta a prática como critério de verdade sobre o pensamento humano:

O problema de se o pensamento humano corresponde a uma verdade objetiva não é um problema da teoria, e sim um problema prático. É na prática que o homem tem que demonstrar a verdade, isto é, a realidade, e a força, o caráter terreno de seu pensamento. O debate sobre a realidade ou a irrealidade de um pensamento isolado da prática é um problema puramente escolástico.

Para Vázquez (2007, p.146), o critério de verdade está na prática, mas só é descoberto em uma relação propriamente teórica com a própria prática. Segundo ele, a intervenção da teoria para que a verdade seja inscrita na práxis é apontada, por Marx, na oitava tese sobre Feuerbach: “A vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que desviam a teoria para o misticismo encontram sua solução racional na prática humana e na compreensão desta prática” (MARX, 1999, p.7).

Posto isto, Vázquez (2007, p.146) afirma que a segunda e a terceira teses estabelecem a unidade entre teoria e prática em duplo movimento, da teoria para a prática (segunda tese) e da prática para a teoria (oitava tese).

Como filosofia da práxis, o marxismo é consciência filosófica da atividade prática humana que transforma o mundo. Como teoria não se encontra em relação com a práxis – revela seu fundamento, condições e objetivos – como também tem consciência dessa relação, por isso, é um guia da ação. (VÁZQUEZ, 2007, p.171)

## Conclusões

Podemos concluir ao final desta revisão de literatura que o debate sobre a dialética entre teoria e prática, e mais especificamente neste estudo, entre teoria pedagógica e prática educativa, é de suma importância e permeia o universo da filosofia há muito tempo.

Para Kant, a educação deve envolver as experiências concretas aliadas aos projetos da razão.

Schleiermacher assim como Kant, atribui à prática prioridade total sobre a teoria. Segundo Schleiermacher, a teoria é sempre posterior à prática, ela sempre precisa abrir caminho, quando a práxis já se encontra fundamentada. Para ele a educação é a influência das gerações mais velhas sobre as mais jovens, com o intuito de formação humana e ética.

Herbart, contrariando Kant e Schleiermacher, atribui à teoria prioridade absoluta frente à prática. Para ele, somente uma determinação teórica de sentido da educação pode orientar a prática.

Ele define a educação como um processo em que a humanidade se educa a si mesma através do universo que ela produz.

Segundo Hegel, a dialética é o momento negativo de toda a realidade. Afirma que para a filosofia não importa qualquer condição de vida concreta aqui e agora e que ela não pode interferir nas lutas práticas da realidade atual. Para ele, a razão é o motor do pensamento, pensamento este que ele não considera algo estático, mas sim como algo que evolui por contradições superadas: da tese (afirmação) à antítese (negação) e daí a síntese (conciliação). Ele determina que a educação e a formação cultural são momentos de reprodução da convivência social.

Marx ultrapassa o idealismo de Hegel com seu realismo materialista. Ele afirma que a dialética de Hegel estava de cabeça para baixo e limitada ao mundo dos espíritos e dos pensamentos. Em razão disto, inverte a dialética introduzindo a matéria. Para ele, a dialética explica a evolução da matéria, da natureza e do homem.

Marx nos traz ainda, o conceito de práxis (transformadora, revolucionária) como atitude teórico-prática humana de transformação da sociedade. Afirma assim que não basta apenas conhecer o mundo, mas que é preciso transformá-lo. Estabelece, portanto, a unidade entre teoria e prática em uma relação de interdependência da teoria para a prática e da prática para a teoria.

Quando fazemos esta reflexão histórica sobre a dialética entre teoria e prática sobre o prisma da formação docente na atualidade, concluímos que ainda há muito por evoluir. Vemos por vezes, formações dicotômicas, que priorizam a teoria em detrimento da prática, como se a atividade docente fosse puramente teórica, o que sabemos claramente que não é.

Se não há um consenso entre os autores citados sobre a primazia da teoria ou prática, podemos concluir que Marx, ao trazer o conceito de práxis, e ao apontar o posicionamento de que teoria e prática são interdependentes, se aproxima das necessidades e dos problemas atuais.

Muitos docentes concluem sua formação inicial, sem conseguir estabelecer uma práxis transformadora, pois não foi atribuída à sua formação prática a mesma importância dada à formação teórica.

É passado o tempo da profissionalização docente, e um dos requisitos necessários para essa transformação, passa sem dúvidas por sua formação.

A formação docente deve acontecer não somente nos bancos acadêmicos das universidades, mas também, em igual proporção e com a mesma valorização, dentro das salas de aula das escolas, em contato com os estudantes que são o seu principal objeto de estudo.

Somente assim, com esse contato real, é que se pode ir construindo ao longo da formação do docente uma prática reflexiva e transformadora, através da mediação consciente entre os aportes teóricos recebidos nos bancos acadêmicos e a realidade vivenciada no chão das salas de aula.

## Referências

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. 2.ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 23.ed. São Paulo: Brasiliense 1992.

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. Edição eletrônica. Ed. Rindendo Castigat Mores: Versão para ebook 1999. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/feuerbach.pdf> Acesso em: 06 ago. 2017

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 11. Ed. São Paulo: Cortez 2012.

SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. **Pedagogia dialética de Aristóteles a Paulo Freire**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Brasiliense 1983.

STÁLIN, Josef Vissariónovitch. **Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico**. Rio de Janeiro: Edições Horizonte 1945. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/stalin/1938/09/mat-dia-hist.htm> Acesso em: 15 ago. 2017

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. São Paulo: Expressão Popular 2007.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e Educação em Immanuel Kant & Paulo Freire**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.